

A PRÁTICA E O AFETO COMO EXERCÍCIO DIÁRIO DE RE-IMAGINAR O ESPAÇO

Escola sem muros¹

Resumo

Uma cartografia afetiva que aposta na articulação teórica e prática mas, sobretudo, sensível dá pistas para re-imaginar o cotidiano a partir do Bairro Jardim Damasceno. É na possibilidade de acolher os territórios desejantes que os processos de ensino e aprendizagem emergem, contribuindo para apropriação dos espaços de educação além dos processos de produção do espaço urbano.

Palavras-chave: cartografia afetiva, direito à cidade, mobilização comunitária.

Abstract

An affective cartography that bets on the theoretical and practical articulation but, especially, sensitive gives clues to re-imagine the daily life from the Jardim Damasceno neighborhood. It is in the possibility of welcoming the desiring territories that the teaching and learning processes emerge, contributing to the appropriation of the education spaces beyond the production processes of the urban space.

Key-words: affective cartography, right to the city, community mobilization.

Cenário

Uma frase vinda do alto falante do carro de um vendedor: “Trinta ovos por dez reais. É o carro do ovo passando na sua rua!”

“Agora eu entendi porque os alunos ficam toda hora falando isso na sala de aula e porque eles são tão barulhentos.” (Professora da EMEF Damasceno I).

É com esse registro do encontro entre o carro-do-ovo e uma educadora da rede pública - que junto com outros educadores, de escolas públicas e privadas, educandos, estudantes universitários e comunidade, ultrapassou os muros da escola para cartografar os afetos e territórios existenciais constituintes do Jardim Damasceno, bairro de São Paulo - que queremos iniciar essa troca sobre prática, afetos e re-imaginação do cotidiano no espaço urbano.

Na nossa prática enquanto coletivo, encontramos na cartografia afetiva, entendendo aqui afeto como aquilo que nos afeta, nos acontece e os fluxos que nos atravessam os corpos, um espaço poderoso para a reinvenção do cotidiano e de outros modos de viver e atuar no mundo:

[...] podemos tentar definir melhor a prática do cartógrafo. Afirmávamos que ela diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. Agora, podemos dizer que ela é, em si mesma, um espaço de exercício ativo de tais estratégias. Espaço de emergência de intensidades sem nome; espaço de incubação de novas sensibilidades e de novas línguas ao longo do tempo. A análise do desejo, desta perspectiva, diz respeito, em última instância, à escolha de como viver, à escolha dos critérios com os quais o social se inventa, o real social. Em outras palavras, ela diz respeito à escolha de novos mundos, sociedades novas. A prática do cartógrafo é, aqui, imediatamente política. (ROLNIK, 1989)

Retomando o encontro da professora com o carro-do-ovo podemos afirmar que ao ser afetada pelo mesmo, foi aberto um canal para a re-imaginação da prática cotidiana dentro da sala de aula. Ser afetada pelo território no qual seus educandos vivem abriu a possibilidade de um novo olhar, e assim repensar o espaço no qual a escola está inserida e suas inter-relações, bem como possíveis soluções para o então “problema” do barulho dos alunos.

Essa reinvenção da prática dentro da sala de aula se dá a partir da aula prática, fora da escola e dentro do contexto de estudantes, permitindo uma compreensão de mundo e viabilizando vir à tona a potência, das pessoas envolvidas, de ser sujeito no processo de aprendizagem, como indica Paulo Freire (1996):

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. É precisamente por causa desta habilidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mau aprendizado, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador.

Com esse cenário conseguimos ter uma mínima noção de que a forma como compreendemos o mundo influencia no modo como lidamos com ele. Ao mesmo tempo, estarmos alienados às diferentes formas desse mundo e de ser nele, não exclui essas realidades, o que inevitavelmente acarreta em uma não reflexão à altura das questões que elas levantam.

¹ Coletivo com atuação política pedagógico, com uma metodologia pautada em 3 pilares (aproximação, construção e cuidado) que visa proporcionar um aprendizado prático e colocar o conhecimento da permacultura, arquitetura e outras tecnologias sociais a serviço da sociedade além de valorizar os saberes e ativos locais de cada comunidade em que atua. Atualmente integram o coletivo: Alexandre Monteiro, Ana Beatriz Giovani, Caio Yashima, Flavia Burcatovsky, Flavia Prado Cesar, Gabriela Franco, Jair Vieira, Marcella Arruda e Ranyele Araujo.

Introdução

Estamos diante de uma realidade dinâmica, em uma esfera mais abrangente, na qual a estabilidade é curta e as atualizações são constantes - seja na tecnologia, e muitas vezes através dela - seja nas relações de trabalho, relações amorosas, relações com espaços. Nosso cotidiano está repleto de atualizações nas muitas formas de ver e viver o mundo. Situações complexas muito bem apontadas por Bauman e sua modernidade líquida.

Quando falamos em esfera mais abrangente, tratamos de uma realidade dinâmica que não é novidade na humanidade - povos nômades conviviam com o movimento, deslocando-se de acordo com suas necessidades e com as ofertas existentes no local de destino; trazendo um pouco mais para o contexto contemporâneo ocidental capitalista, temos regiões e situações urbanas que lidam com a instabilidade diariamente, por inundações, despejos, incêndios, não atendimento às normas [camelôs, vendedoras(es) ambulantes] - e essa realidade vem atingindo camadas da sociedade que antes se pautava na estabilidade e solidez das estruturas sociais. Tendo isso em vista, a interação com grupos que possuem um conhecimento empírico do instável tem muito a agregar no processo do design e da estratégia de ação, buscando soluções em uma forma de pensar não linear.

Dentro desse dinamismo faz-se necessário planejar a curto prazo, lidar com imprevistos, aproveitar as oportunidades e os recursos disponíveis. Algo que nos leva ao conceito de urbanismo tático, que pode ser definido, de acordo com Adriana Sansão, (ARQUICAST, 2019), como uma prática de acionamento de comunidades através de intervenções de curto prazo, reversíveis e baixo custo. Para isso é preciso enxergar e vivenciar o contexto que se está, suas relações estabelecidas, suas potências e complexidade.

Concomitante à essa efemeridade, temos velhas questões que insistem em ressoar - direitos humanos; direito à cidade; igualdade de direitos; direito à educação; qualidade de vida. Cerca de 85% das cidades é construída sem o envolvimento de profissionais de arquitetura e urbanismo, ou da engenharia (CAU/BR-Datafolha, 2015), o que aponta um distanciamento entre os conhecimentos acadêmicos e a prática de construção de boa parte da cidade. Elas, como unidades vivas de interligações ampliadas, são entes que se metamorfoseiam permanentemente tanto pelos valores e mercados, como pelas relações de poder sobre o espaço urbano, como abordadas por Henri Lefebvre (1969): “As cidades são a expressão da sociedade no terreno. (...) O conhecimento especializado gerou o desconhecimento generalizado.”

A dinâmica de formação dos contextos urbanos fornece pano de fundo, contraponto e retroalimentação ao exercício da individualidade pelos cidadãos enquanto frequentadores e usuários do espaço público. Mostra também as progressivas transformações na visão de mundo dos indivíduos que dele desfrutam como motivadoras dos intercâmbios desempenhados nos diferentes cenários oferecidos pela articulação entre as variadas escalas da cidade. Ocasionalmente transformações potencializadoras de processos que dão oportunidade ao surgimento de interações desenhadas sob perspectivas renovadas.

Lucrécia Ferrara, na obra *Design em Espaços* (2002), afirma que o destino da arquitetura é o de exprimir o espírito de uma época. Examina também a experiência da diversidade e a função demiúrgica tanto do desenhista industrial como do arquiteto e urbanista. Ela ainda afirma a necessidade de saber a dimensão visual da representação e o valor de se perguntar ‘Quais os significados que o design pode produzir quando se põe a arquitetar o mundo, a cidade, os valores sociais e as relações humanas no embate individual e coletivo?’ O espaço é visto como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações.

O coletivo Escola Sem Muros, nasce dentro desse contexto atual “oportunidade + instabilidade + direito à cidade + relação com as bordas”. Um grupo que surgiu de

uma necessidade da comunidade do Jardim Damasceno, em São Paulo, de colocar em prática um projeto de reforma para um espaço cultural, reunindo pessoas com vontade de exercitar uma outra forma de relação de trabalho que fosse mais horizontal, humanizada e que dialogasse com o contexto complexo do local.

A comunidade e o coletivo

Localizado na Zona Norte da cidade de São Paulo, o Espaço Cultural Jardim Damasceno (ECJD) pode ser considerado um espaço dinâmico. Surgiu de um abrigo para pessoas desalojadas após um desabamento e, após realocação dessas pessoas, houve uma forte mobilização para que naquele galpão fossem realizadas atividades culturais para as crianças e jovens do bairro.

Entre outros programas, o ECJD passou a acolher, desde 2015, algumas aulas teóricas e práticas de um curso de design permacultural². Soluções sustentáveis, como cisterna e composteira, e o desenvolvimento de projetos permaculturais para o próprio Espaço eram produtos decorrentes do curso, o que levou Noêmia Mendonça, uma das lideranças dele, a fazer uma provocação em relação à concretização de algum dos projetos propostos.

O resultado foi a elaboração de um projeto, pensado em conjunto com a comunidade do Jardim Damasceno, para reformar o Espaço Cultural, dando maior visibilidade ao positivo impacto social que ele exerce no bairro. Para sua execução foi planejado um programa de imersão para uma construção coletiva, envolvendo estudantes de arquitetura, profissionais da área e a própria comunidade. O programa foi nomeado de Escola Sem Muros, e dele que surge o coletivo de mesmo nome.

Entendendo o processo tão importante quando o produto “final”, o coletivo adota uma postura pautada na práxis e na vivência da realidade social, em busca de uma prática da liberdade, emancipatória, que visa a autonomia e possibilita a construção de espaços de encontro, troca e fortalecimento identitário, empoderando pessoas a reinventarem as formas de relação estabelecidas. Para isso nos apoiamos em três pilares: aproximação, construção e cuidado.

Aproximação

Através de visitas constantes, buscamos um melhor entendimento do território, das pessoas, da paisagem e dinâmicas que constituem o espaço a receber uma determinada intervenção. Segundo TUAN (1980) “para compreender a preferência de um grupo, é necessário conhecer a história, a cultura e as experiências do grupo no contato do seu ambiente físico”.

No Jardim Damasceno, antes do início da construção da obra, foram realizadas diversas atividades, tais como **conversas** com atores locais, entendendo a relação de moradoras e moradores com o Espaço Cultural; **mobilização comunitária**, em parceria com o coletivo PermaSampa³, iniciando uma formação de rede mãe, mapeando talentos, recursos, belezas e potenciais que pudessem contribuir para o processo da reforma; e oficina de **cartografia afetiva**, na qual os participantes (estudantes

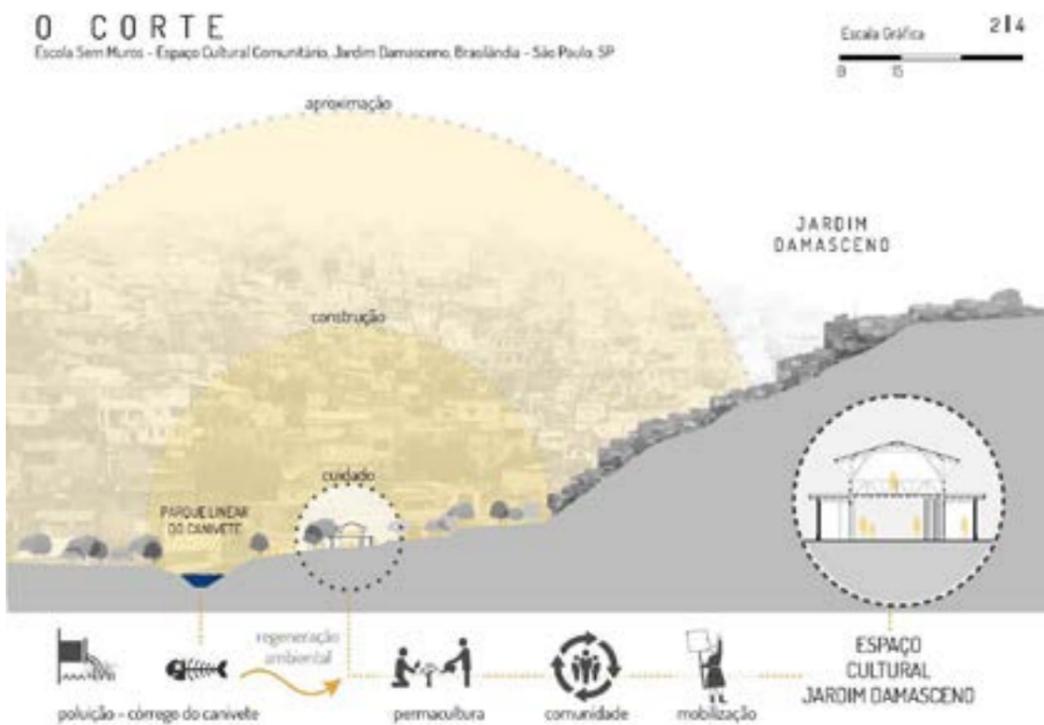
² Curso desenvolvido pelo coletivo PermaSampa e que tem como princípio disseminar e praticar os conceitos de permacultura em São Paulo.

³ Coletivo de educadores que se reúnem para ministrar cursos de Design em Permacultura (PDC) e desenvolver ações de permacultura urbana em São Paulo, sobretudo nas periferias, em parcerias com outros coletivos.

Imagem 1 - foto da entrada do Espaço Cultural Jardim Damasceno. Fotografia: F14 Fotografia/ Escola Sem Muros



Imagem 2 - esquema dos pilares do coletivo Escola Sem Muros - aproximação/ construção/ cuidado. Imagem usada na Bienal de Veneza, 2018. Autoria: Escola Sem Muros



do nono ano e profissionais da área da pedagogia de uma escola do bairro, além de estudantes, educadoras e educadores de outros coletivos) mapearam os afetos e territórios existenciais constituintes da realidade do Jardim Damasceno, a fim de construir, de forma coletiva, a memória afetiva do bairro.

Durante esse processo foi possível presenciar uma fala como a de Givanildo Mario do Carmo, morador do Jardim Damasceno e também conhecido como Giba: “Foi muito importante para mim a atividade feita [cartografia afetiva], fazer eu olhar para as coisas boas do bairro e não para as coisas ruins, eu nunca tinha pensado nisso...”

NO JARDIM DAMASCENO
MUITO FÉRTIL TERRENO
ALGO NADA PEQUENO
VAI ACONTECÊ

CHAMA O POVO PRA VÊ
E AJUDÁ NA CONSTRUÇÃO
DANÇAR NO MUTIRÃO
PRA TODO MUNDO APRENDÊ



TEM MUITO JEITO DE AJUDÁ
PROS VIZINHO PODE FALÁ
AS CRIANÇA, PODE LEVÁ
PRA FAZÊ ATIVIDADE

REINA A COLETIVIDADE
TODO O POVO JUNTO
NÃO VAI TER OUTRO ASSUNTO
EM TODA ESSA CIDADE



Imagem 3 - arte produzida para divulgação da reforma do ECJD e mobilização comunitária. Autoria: Escola Sem Muros

Utilizar de ferramentas que permitam nos aproximarmos do espaço e das pessoas que convivem e conviverão ali, tornando-os parte de nosso cotidiano, abre a possibilidade de baixar as barreiras pré-existentes e criarmos um espaço para a imaginação de outras cidades possíveis, outra possibilidade de mundo, relacionar potências individuais para um bem coletivo, um lugar comum que acolha as individualidades e familiaridades das pessoas envolvidas. Acolha também as angústias e lacunas que muitas vezes o ensino de arquitetura e urbanismo reforça, como podemos observar na fala do arquiteto Tomaz Lotufo para o vídeo ‘Reeducando - Escolas pelo mundo’ (2019):

Esse processo de construção coletiva [...] é uma educação que é integral e para todos os lados, porque cada um está aprendendo do seu jeito, no momento que ele está e no processo de vida que ele está. [...] Então enquanto estudante de arquitetura, se eu ficar o tempo inteiro pensando em museu, centro cultural, grandes conjuntos habitacionais, empresariais, etc, isso não dialoga com meu mundo [...], de repente eu chego aqui [na imersão que aconteceu no Espaço Cultural Jardim Damasceno] e a coisa se amplifica.

Construção

“Foi muito importante para mim a atividade feita, fazer eu olhar para as coisas boas do bairro e não para as coisas ruins, eu nunca tinha pensado nisso, **mas eu quero ver a obra pronta**”. Retomando e concluindo a fala de Giba, sobre a cartografia afetiva realizada no Espaço Cultural, temos uma noção da percepção que muitas vezes a população têm em relação à grupos de estudo, ou projetos públicos, de que as coisas “não saem do papel”.

Na construção se materializam os sonhos, é o momento de juntar a teoria com a prática. Incorporando o conceito de canteiro-escola de Lefèbvre (ARANTES, 2002), visamos fazer da obra uma plataforma educativa, onde as tecnologias sejam apropriadas pelos participantes através da construção coletiva (comunidade + profissionais da arquitetura + comunidade) que tem como proposta o “fazer com”, ao invés no “fazer para”, abrindo margem para experimentações e descobertas através do processo e possibilitando



entender as várias interpretações que as pessoas envolvidas possam ter do espaço. Nesse sentido, buscamos, para além da construção física, uma construção simbólica de pertencimento, para um possível lugar comum, um espaço coletivo que acolha a individualidades.

A estrutura formal é o coletivo, enquanto a maneira como pode ser interpretada e apropriada representa as necessidades individuais, permitindo que um espaço com alto grau de interpretação possa reconciliar individual e coletivo. (HERTZBEGER, 1999)

Na reforma do Espaço Cultural Jardim Damasceno essa etapa iniciou com uma **pré-imersão** para trocarmos sobre a metodologia do Escola Sem Muros e do Espaço Cultural Jardim Damasceno, assim como introduzir o processo de construção com bambu (técnica estrutural escolhida para o projeto), através de uma visita à Parelheiros, no sítio de Roberto Payacan - artesão que trabalha com bambu desde 1980. Seguimos com uma **imersão** no bairro, período que foi dado mais enfoque às rodas de conversa e oficinas sobre técnicas de engajamento comunitário, projeto participativo, permacultura



Imagem 5 - compartilhamento e discussão do projeto de reforma elaborado para o Espaço Cultural. Fotografia: F14 Fotografia/ Escola Sem Muros

urbana, assuntos como o direito à cidade, tecer comunidades, edu-comunicação e centros sociais, e por fim a construção coletiva, com acompanhamento constantes do processo da obra, aprendendo técnicas, aprimorando olhares.

Esse processo de construir junto permite conversar com diferentes realidades e experiências, no qual se percebe, que mesmo com o pensamento alinhado à leituras que prezam pela horizontalidade, há um imaginário colonizador que dificilmente será transformado sem a ação prática, sem o contato com as tantas realidades que extrapolam um determinado grupo. Uma “simples” fala carrega uma mensagem opressora: “Tenho que voltar para São Paulo até às 17h”. Desconectada parece que não há nada de errado nessa construção, a questão é que o lugar de onde essa fala saiu era o Jardim Damasceno, bairro da Brasilândia, na cidade de São Paulo. A ideia antiquada de que a cidade se limita ao centro se reproduziu no discurso de quem tanto reivindica igualdade. Externar a frase e logo em seguida questioná-la é de uma construção e entendimento social que a práxis permite com maestria, indicando que o fazer junto reconstrói espaços, cidadãos e cidadãs.

Cuidado

“Todo ser é potência e a potencialidade de cada um se desenvolve na relação”
(SPINOZA)

Essa é uma etapa que, por mais que queiramos dizer que ocorre após a construção, na verdade permeia todo o processo de relação com as pessoas e espaço de intervenção. É o momento da empatia e afeto, de prestar atenção ao nosso lugar de fala e respeitarmos a experiências e vivências das pessoas que estamos trocando. É o momento também da tentativa de acolher, incluir, de subverter a lógica da segregação, exclusão, tão bem colocada na fala da arte-educadora Ray Maria Moura:

[...] os “não” que nós recebemos, que são muitos, são pensados por coletivos/ camadas da nossa sociedade. É o não da educação, é o não da cultura, é o



não da moradia [...]. Por que o governo fala tantos não para nós? [...] Você não sabe a potência dessa criança, desse jovem. Outra coisa que cristalizou, que “botou” as pessoas para baixo, foi o não de não participar: você não pode entrar nesse teatro, você não pode entrar nessa faculdade. Olha os muros que são colocados, e esses muros cristalizam dentro do ser humano, e o ser humano vai perdendo uma identidade de ser no planeta. (REEDUCAÇÃO, 2019)

Buscamos a inclusão não só em nosso cotidiano, assim como também somos incluídos no cotidiano do grupo, como na participação da construção, da proposição de ideias, de vontades e sonhos. Através da construção coletiva, consegue-se estabelecer laços e relações mais duradouras.

Enxergamos a importância de garantir a sustentabilidade das ações que foram materializadas através da aproximação e da construção e fazemos isso mantendo o contato, acompanhando o dia-a-dia, pensando em conjunto formas de manter o espaço ativo e constante.

No caso da reforma do Espaço Cultural Jardim Damasceno, frequentamos reuniões com a prefeitura regional da Freguesia do Ó/ Brasilândia e com a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, para saber sobre o andamento da liberação da obra, além de elaborar conjuntamente ações e atividades no local. Participação em festa, almoços de fim de semana, fortalecem os vínculos criados.

Considerações

Nós do Escola Sem Muros entendemos que praticar o cotidiano passa pelo processo de tornar crítico, ativo, propositivo algo que na prática é banal, corriqueiro. Tornar cada ato consciente e responsável, como escolher quem fornecerá seu alimento, sua vestimenta, quem ou o que enriquecerá seus momentos de lazer, etc. Para isso é necessário estabelecer relações e possibilitar vínculos. Dentro dessa lógica é possível pensar numa micropolítica, em pequenas ações com desdobramentos significativos. Pensando em sistemas, entendemos também que para além da micropolítica é

necessário pensar e agir a macropolítica, estabelecer contato com poder público, entender projetos em andamento a fim de pensar atuações imediatas que dialoguem com planejamentos de caráter mais extenso, que sejam contextualizadas, situadas, não alienadas, podendo, muitas vezes, servir como parâmetro para repensar projetos existentes, ou mesmo embasar novas políticas públicas, trazendo uma experiência mais afetiva e próxima de quem ocupará/ criará o espaço em questão.

A partir dessa escala mais humanizada e horizontal, pretendemos colocar em cheque questões e ações tidas como certas, que passam a ser “automáticas”, repensar o modelo de ensino/ aprendizagem, tanto nas universidades quanto na formação da sociedade civil, que se dá além dos limites formais das instituições de ensino, entendendo a cidade, o território, como palco do processo de aprendizagem; as cidades como cidades educadoras. Ao mesmo tempo em que moldamos a cidade, a cidade nos molda, a partir de territórios de nossos movimentos cotidianos. É de extrema importância ressignificar e reinventar uma cidade que no decorrer de sua construção, ou desde seu surgimento, tem como forte característica a segregação e a colonização de corpos, mentes, ações. Segundo João Sette Ferreira (2011) “[na atual situação que nos encontramos] coloca-se uma dupla e antagônica possibilidade: a de, por um lado, descobrirmos uma nova forma de fazer cidades, ou por outro, de continuar a reproduzir e exacerbar cada vez mais o caminho da barbárie urbana.”

Nos organizamos de forma coletiva, como nos ensinam comunidades que convivem diariamente com o instável, fortalece e viabiliza viver. A criação e a manutenção do vínculo dentro da sociedade civil, a partir da construção e da idealização de um outro modo de entender e fazer a cidade, que não aquele proposto pelo poder público, mas sim de forma conjunta e comunitária, gera um cenário de cuidado e de relação de troca entre as várias camadas presentes no território. Essa relação de troca nos leva a pensar em uma “economia colaborativa” - transicionar do paradigma da escassez e do egoísmo para o paradigma da abundância e do coletivo, tecendo e fortalecendo redes, conexões, afinal, partindo das ideias de Milton Santos (2004), fica impossível separar o espaço da economia. Considerando que o espaço construído trata-se de um produto, ele inevitavelmente representa o modo de produção de uma sociedade e seus objetivos ao mesmo tempo em que é resultado deles.

Diante de todo esse cenário, não podemos achar que solucionaremos problemas complexos com velhos modelos que estão pautados no pensamento linear e cartesiano, precisamos de um olhar sistêmico, ou então continuaremos a reproduzir respostas superficiais, como nos mostra Humberto Mariotti (2007):

A complexidade não é um conceito teórico. Ela corresponde à multiplicidade e à contínua interação da infinidade de sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural. Os sistemas complexos estão dentro de nós e a recíproca é verdadeira. Assim, é preciso conhecê-los. Como já vimos, o pensamento complexo é um modelodesenvolvido por Edgar Morin para lidar com a complexidade. Para explicá-lo, costumo utilizar um exemplo. Imaginemos um indivíduo em uma praia. Se lhe perguntarmos se a Terra é plana ou redonda, ele responderá que é plana: “Basta ver a areia sob os nossos pés e observar o oceano”, dirá (MARIOTTI, 2007).

Precisamos trazer o cotidiano à reflexão e partir também do conhecimento que ele traz, ressignificando-o a cada dia numa ação-reflexão-ação permanente, entendendo a potência da prática, de ser sujeito ativo na construção da cidade que queremos.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. *O bem viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova*. Sergio Ferro, Flávio Imprério e Rodrigo LeFrèvre, de Artigas aos mutirões. São Paulo: Editora 34, 2002.

ARQUICAST. *Arquicast 070: Urbanismo Tático*, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=07yywL_EIWM&feature=youtu.be>. Acesso em 23 abril 2019

FERRARA, Lucrécia. *Design em Espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.

FERREIRA, João Sette Whitaker. *Perspectivas e desafios para o jovem arquiteto no Brasil. Qual o papel da profissão?*. Arqtextos, São Paulo, 12.133, Vitruvius, jul 2011. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/12.133/3950>>. Acesso em 23 abril 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. - 2ªed.- São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. - 5ªed.- São Paulo: Centauro, 2011

MARIOTTI, Humberto. *Competitividade e violência estrutural*. 2007. Disponível em: <<http://escoladialogo.com.br/escoladialogo/index.php/biblioteca/artigos/competitividade-e-violencia-estrutural/>>. Acessado em 26 abril 2019.

REEDUCAÇÃO, *Reeducação - escolas pelo mundo - Ep. 7: Escola Sem Muros*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V7rkImeLoqc>>. Acesso em 24 abril 2019.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2004.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.